

A propósito de “Humanização em Medicina: A história clínica”

Concerning “Humanism and Medicine: Medical history”

Fernando Guimarães*

Para os leitores atentos, A. Oliveira Soares tem-se notabilizado há mais de uma década na revista “Medicina Interna” por uma série de marcantes artigos de grande diversidade: “Ensino e sua avaliação após a licenciatura em Medicina” (1994); “Estatística em Medicina: o mérito e o mito. Reflexões de um clínico” (1996); as certeiras inquietações de “Para onde vai a Medicina Interna?”,¹ que em minha opinião mereceriam nova reflexão da sua parte tantos anos depois; “Iatrogenia: velhos e novos aspectos da face velada da Medicina”,² com um primeiro parágrafo tão lapidar como a abertura do “Discurso do Método” de Descartes; “Testemunhas de Jeová: Reflexões sobre a recusa de hemoterapia” (1997) e “O Sangue interdito” (1999); “Reflexões sobre cinco casos cirúrgicos internados num Serviço hospitalar de Medicina” (1998). Ressalto ainda, após um longo interregno, a carta compreensiva e solidária à colega internista que escreveu uma das páginas mais belas e dolorosas na revista (“Sem as ilusões do princípio...”)³ e um recente texto-ensaio, “Figuras médicas na literatura portuguesa”, com o tocante diálogo final de dois médicos veteranos em Cós sobre se honraram os preceitos hipocráticos ao longo da sua prática clínica.⁴

Nestes artigos se patenteiam a cultura médica e geral do autor, a coerência das suas convicções, a permanente reflexão sobre o quotidiano exercício da Medicina, nos seus aspectos assistenciais e de formação de internos, as preocupações com a assumpção e a transmissão de valores, por vezes de modo dorido e assumindo mesmo o risco de parecer quixotesco. No decurso da minha vida clínica também me tenho revisto nestes traços, o que não raro me faz evocar esse distinto e saudoso internista, A. Celso Fontes, que tive como chefe no Hospital Geral de Santo António, no

Porto, no meu já distante internato complementar.

O mais recente artigo do autor, que motiva esta carta, mencionado no título,⁵ acentua o pendor eminentemente clínico que os médicos hoje em dia, como em todos os tempos, devem ter na relação com os doentes que os procuram. Independentemente das mudanças culturais e demográficas da sociedade e dos próprios médicos, do desenvolvimento assombroso das ciências e das tecnologias onde a Medicina colhe para actualização permanente vasto manancial de conhecimentos e recursos instrumentais, mantém-se pertinente o voto formulado por Oliveira Soares: “(...) começar por ouvir o doente e elaborar uma criteriosa anamnese, seguida de atento exame objectivo. O respeito dessa metodologia é a primeira atitude humanista da Medicina das pessoas.” A verdade, porém, é que, com tantos doentes crónicos, idosos, demenciados, muito dependentes, com uma sobrecarga sem tréguas dos serviços, numa elevada percentagem de casos tal metodologia é mais difícil de pôr em prática e o recurso eventualmente prematuro ou redundante a exames complementares torna-se inevitável.

Cumprir tal voto exige, hoje mais do que nunca, dos médicos em geral, e dos internistas em particular, um acréscimo de sacrifícios pessoais, muitas vezes pouco reconhecidos e de resultados quantas vezes pouco gloriosos. Mas talvez assim possamos enfrentar os desafios e dilemas que se nos apresentam de consciência tranquila. ■

Bibliografia

1. A. Oliveira Soares. Para onde vai a Medicina Interna? *Medicina Interna* 2000; 7; 2: 131-133.
2. A. Oliveira Soares. Iatrogenia: velhos e novos aspectos da face velada da Medicina. *Medicina Interna* 1995; 2; 2: 122-133.
3. Maria Inês Leal. Sem as ilusões do princípio... (e carta de Oliveira Soares no mesmo número). *Medicina Interna* 2004; 11; 4: 216-217.
4. A. Oliveira Soares. Figuras médicas na literatura portuguesa. *Medicina Interna* 2008; 15; 2: 146-153.
5. A. Oliveira Soares. Humanização em Medicina: A história clínica. *Medicina Interna* 2008; 15; 4: 308-313.

*Assistente graduado de Medicina Interna
Hospital Vila Real – CHTMAD.